

RUI CHAFES
E ZULMIRO
DE CARVALHO

OBRAS NA
COLEÇÃO DE
SERRALVES

18/09 — 20/10 2020
Castelo de Santa Maria da Feira

EXPOSIÇÃO/EXHIBITION

ORGANIZAÇÃO/ORGANISATION

Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

CURADORIA/CURATOR

Joana Valsassina

PUBLICAÇÃO/PUBLICATION

COORDENAÇÃO/COORDINATION

Maria Burmester

TRADUÇÃO/TRANSLATION

Rui Cascais Parada

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS/PHOTOGRAPHIC CREDITS

Filipe Braga, João Reis, João Monteiro, © Fundação de Serralves, Porto
© Alcino Gonçalves

IMPRESSÃO/PRINTING

Empresa Diário do Porto

AGRADECIMENTOS/ACKNOWLEDGEMENTS

Rui Chafes, Zulmiro de Carvalho

RUI CHAFES
E ZULMIRO
DE CARVALHO

OBRAS NA
COLEÇÃO DE
SERRALVES

ZULMIRO DE CARVALHO
CRUSTA I, 1985 (detalhe)





A presente exposição apresenta uma seleção de obras de dois artistas incontornáveis no panorama artístico nacional: Zulmiro de Carvalho (Gondomar, 1940) e Rui Chafes (Lisboa, 1966). Artistas de gerações distintas com práticas que se estabelecem entre a escultura e o desenho, Zulmiro e Chafes desenvolvem investigações e linguagens plásticas profundamente diferenciadas, contribuindo significativamente para a afirmação da escultura portuguesa desde a década de 1960 até à atualidade.

Zulmiro de Carvalho formou-se em Escultura na Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1968, onde viria a ser professor por mais de duas décadas. Entre 1971 e 1973, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou em Londres na conceituada Saint Martin's School of Art, com Anthony Caro, artista britânico que teve um papel fundamental na redefinição da escultura contemporânea.

Tendo como referência as correntes artísticas anglo-saxónicas, a geração de Zulmiro de Carvalho empenhou-se no questionamento da tradição escultórica em Portugal, desencadeando um movimento de renovação da escultura a partir da década de 1960, emancipando-a da estatuária comemorativa, o modelo escultórico dominante até então. No seu lugar, o artista defende a sobriedade formal e volumétrica, profundamente marcada pelo rigor modernista. Formas simples, volumes sóbrios, construções rigorosas e

superfícies cuidadas, constituem o vocabulário do artista, denotando uma preocupação com a materialidade e um recurso metódico a sistemas modulares, à produção industrial e à noção de serialidade. Sob influência do minimalismo, figuração e temática são substituídas por questões intrínsecas ao ato escultórico, como o trabalho das formas, a pesquisa sobre a cor e a relação com o espaço e o contexto envolventes.

Na Praça de Armas do Castelo de Santa Maria da Feira são apresentadas três obras de exterior da autoria de Zulmiro de Carvalho das décadas de 1960, 70 e 80 que estabelecem um diálogo com a envolvente natural e com a morfologia geométrica e tectónica do Castelo. *Escultura* (1967), uma das primeiras obras do artista, evidencia desde logo no seu título (que vem a ser utilizado repetidamente ao longo da sua carreira) a vontade de afirmação de um novo cânone escultórico — despojado, alicerçado na composição de formas simples e numa relação frontal com o espectador. Em *Sistema H* (1973) o artista explora as potencialidades da modularidade geométrica, apresentando dezenas de possibilidades de apresentação para a mesma peça. A escultura liberta-se da teatralidade do plinto e apodera-se do chão, afirmando a sua presença no mundo real.

Se inicialmente trabalha sobre a forma e sobre a cor, utilizando sobretudo metal pintado, a partir do final da década de 1970 Zulmiro começa a interessar-se pelas qualidades expressivas da

matéria, tirando partido de acidentes texturais do ferro oxidado e do mármore, como é o caso da obra *Crusta I* (1985), e também da ardósia, do granito e de diferentes tipos de madeira. Ao longo da sua carreira, marcada por diversos projetos de arte pública de grande escala, a obra de Zulmiro de Carvalho evidencia uma profunda coerência conceptual, consolidando-se sobre uma noção estrutural de essencialidade e rigor.

O Salão Nobre do Castelo de Santa Maria da Feira é dedicado à apresentação de obras de Rui Chafes que evidenciam diferentes facetas do trabalho do artista no âmbito da escultura, abrangendo um arco temporal de 1992 a 2018. Chafes estudou Escultura na Escola de Belas Artes de Lisboa entre 1984 e 1989, prossequindo os seus estudos na Alemanha, na Kunstakademie Düsseldorf [Academia de Arte de Düsseldorf], até 1992. A literatura e a arte germânicas, nomeadamente o gótico e o Romantismo, a escultura medieval de Tilman Riemenschneider e a poesia de Hölderlin e de Novalis (cujos *Fragmentos* traduziu para português) são referências que permeiam a obra do artista, que desde cedo se tornou numa das figuras de maior relevo no movimento de retorno à escultura que se verificou em Portugal nos finais do século XX.

Esta relação com determinada arte do passado denuncia o interesse do artista em detetar aquilo que na criação artística é essencial, imutável, transversal a vários tempos. Este interesse

também é revelado na sua eleição de materiais — em que o ferro é privilegiado justamente pela sua imutabilidade —, no caráter depurado das suas peças e nos temas universais que aborda, relacionados com a condição humana e com a nossa relação com a transcendência.

Em 1988 Chafes cria as primeiras esculturas em ferro pintado de negro, que desde logo apresentam as principais linhas de força do seu trabalho escultórico, nomeadamente a ambiguidade entre matéria e forma, na medida em que aos trabalhos em ferro são dadas configurações que parecem leves e orgânicas. A obra mais recente que se apresenta nesta mostra, intitulada *Sudário* (2018), é representativa desta operação de alquimia que associa características aparentemente inconciliáveis — peso e leveza, rigidez e fluidez, atualidade e antiguidade. Enquanto o ferro se torna etéreo, a sugestão do tecido pendente solidifica, suspensa e ausente. Nas palavras do artista: "Não existe arte sem transformação: transformação da sua própria natureza numa outra, uma substância noutra, uma coisa noutra."¹

Muitas das esculturas de Rui Chafes assemelham-se a máscaras, armaduras e casulos, objetos que constroem, aprisionam e torturam o corpo, sempre evocado e sempre ausente. Em obras

¹ "Conversa entre Rui Chafes, Pedro Costa, Catherine David e João Fernandes", in *Pedro Costa, Rui Chafes: Foral/Out!*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2007, p. 155.

como *Deserto* (1992), o ferro é manipulado de tal forma que se aproxima do desenho, num jogo de linhas rígidas, formas côncavas e convexas que criam vazios e desmaterializam a fisicalidade do objeto. O artista refere frequentemente que não está interessado nos objetos em si mesmos e que procura formas depuradas que funcionem como caracteres de escrita. Os títulos das obras, muitas vezes coincidentes com os títulos das suas exposições e publicações, remetem para um universo pessoal, sublime e lírico, não procurando esclarecer ou definir uma leitura da obra.

Rui Chafes trabalha frequentemente em séries, como é o caso das esculturas *Lições de Trevas*, catalogadas de I a XXV e datadas de 1992 a 2002. A volumetria monolítica e hermética de cada peça esconde uma realidade obscura no seu núcleo. O valor da linha na penumbra é dominante em qualquer das variações compositivas, que se oferecem como meditações sobre um mundo interior, complexo, oculto e solitário. A natureza solene e ascética da obra de Rui Chafes estabelece pontes entre a contemporaneidade e referências longínquas, com o objetivo de revelar o impulso primordial na génese da prática artística, transversal a tempos e tendências.





ZULMIRO DE CARVALHO

ESCULTURA, 1967

Ferro pintado

252 x 144 x 100 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 2019



ZULMIRO DE CARVALHO

SISTEMA H, 1973

Ferro pintado

48,5 x 400 x 400 cm

Col. Museu Nacional de Soares dos Reis, em depósito na
Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.



ZULMIRO DE CARVALHO

CRUSTA I, 1985

Mármore, ferro

201 x 50 x 51 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea,
Porto. Aquisição em 1989



RUI CHAFES

DESERTO, 1992

Asfalto sobre masonite

Ferro pintado

44,5 x 290 x 44,5 cm

Col. privada, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de
Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 1993



RUI CHAFES

LIÇÕES DE TREVAS VI, 1999-2000

Ferro pintado

167,5 x 33 x 33 cm

Col. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2002



RUI CHAFES

LIÇÕES DE TREVAS XII, 2001

Ferro pintado

184 x 29 x 31,5 cm

Col. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2002



RUI CHAFES

LIÇÕES DE TREVAS XXI, 2002

Ferro pintado

184 x 30 x 38 cm

Col. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 2002



RUI CHAFES

SUDÁRIO, 2018

Ferro

262 x 32 x 24,5 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação do artista em 2020

This exhibition features a selection of works by two crucial artists in the Portuguese art scene: Zulmiro de Carvalho (Gondomar, 1940) and Rui Chafes (Lisbon, 1966). Belonging to different generations and with practices that encompass drawing and sculpture, Zulmiro and Chafes have developed profoundly unique visual research and languages and contributed significantly to the affirmation of Portuguese sculpture from the 1960s to the present.

Zulmiro de Carvalho graduated in Sculpture at the Porto School of Fine Arts in 1968 and eventually went on to teach there for over two decades. With a grant from the Calouste Gulbenkian Foundation, Zulmiro studied at London's renowned Saint Martin's School of Art between 1971 and 1973 with British artist Anthony Caro, whose role was fundamental in redefining contemporary sculpture.

Zulmiro's generation, whose references were mostly the Anglo-Saxon art trends, was committed to question Portuguese sculptural tradition and launched a movement for the renewal of sculpture in the 1960s that constituted an emancipation from commemorative statuary, which had been hitherto the dominant sculptural model. In its place, the artist defended formal and volumetric sobriety, deeply marked by modernist rigour. Simple forms, sober volumes, rigorous constructions and neat surfaces make up his vocabulary and reveal a concern with materiality and a methodical use of modular systems,

industrial production and the notion of seriality. Under the influence of minimalism, figuration and theme were replaced with issues that are intrinsic to the sculptural work, such as the work on forms, a research on colour and the relationship with the surrounding space and context.

Santa Maria da Feira's Praça de Armas features three outdoors works authored by Zulmiro from the 1960s, 70s and 80s which engage in a dialogue with the Castle's natural environment and its geometric and tectonic morphology. Repeatedly used throughout his career, the title *Escultura* [Sculpture] (1967), one of his first, immediately speaks of the artist's will to affirm a new, streamlined sculptural canon based on the composition of simple forms and a frontal relationship with the viewer. In *Sistema H* (1973) Zulmiro explores the potential of geometric modularity through dozens of presentation possibilities for the same piece. Sculpture frees itself from the theatricality of the plinth to take over the ground and state its presence in the real world.

While he initially worked on form and colour, mostly using painted metal, in the late 1970s Zulmiro began turning to the expressive qualities of matter, taking advantage of the textural accidents found in oxidized iron and marble, such as in *Crusta I* (1985), but also in slate, granite and different types of wood. Throughout his career, which has been marked by several large-scale public art projects, Zulmiro's work shows

a profound conceptual coherence bound by a structural notion of essentiality and rigour. The Main Hall of Santa Maria da Feira's Castle is dedicated to the presentation of works by Rui Chafes spanning a period from 1992 to 2018 which showcase different facets of his sculptural practice. Chafes studied Sculpture at the Lisbon School of Fine Arts between 1984 and 1989 and continued his studies in Germany at Kunstakademie Düsseldorf until 1992. German literature and art, namely the Gothic and Romantic periods, Tilman Riemenschneider's medieval sculpture and the poetry of Hölderlin and Novalis (whose *Fragments* he translated into Portuguese) are references that permeate the work of Rui Chafes, who became an important figure of the late twentieth century return to sculpture movement in Portugal.

This relation with the art of the past reveals Chafes' interest in detecting what is essential, immutable and time-transversal in art creation. This interest is also apparent in his choice of materials — in which iron features prominently precisely because of its immutability —, in the stripped-down character of his works and the universality of his themes, dealing mainly with the human condition and our relationship with transcendence.

In 1988 Chafes created his first sculptures in black painted iron, which already showcased the main lines of his sculptural work, namely as the riveting

ambiguity between matter and form, shaping iron into seemingly light and organic configurations. The latest work featured in the show, *Sudário* [Sudarium] (2018), is representative of that alchemical operation in its association of apparently irreconcilable characteristics, such as weight and lightness, rigidity and fluidity, contemporaneity and antiquity. While iron becomes aethereal, the hanging fabric appears to solidify, suspended and absent. In the artist's words: 'There is no art without transformation: transformation of its own nature into another, of one substance into another, one thing into another'.¹

Many of Chafes' sculptures resemble masks, armours and cocoons, objects that constrain, imprison and torture the body, which is always evoked and always absent. In works such as *Deserto* [Desert] (1992) iron is the object of such manipulation that it becomes almost draw-like, in a play of rigid lines, concave and convex forms that generate voids and dematerialize the object's physicality. The artist often mentions he is not interested in objects themselves, searching instead for pure forms that might function like characters in writing. Often coinciding with the titles of his exhibitions and publications, the works' titles point to a personal, sublime and lyrical universe rather than clarifying or defining a specific reading of the work.

¹ 'Conversation between Rui Chafes, Pedro Costa, Catherine David and João Fernandes', in *Pedro Costa, Rui Chafes: Foral/Out!*, exh. cat., Porto: Fundação de Serralves, 2007, p. 154.

Chafes often works in series, such as in the case of the sculptures *Lições de Trevas* [Lessons in Darkness], numbered I to XXV and dating from 1992 to 2002. The monolithic and hermetic volume of each piece conceals an obscure reality in its core. The value of the line in the shadow dominates these compositive variations, which propose meditations on an inner, complex, occult and solitary world. The solemn, ascetic nature of Chafes' work bridges contemporaneity and distant references with the purpose of revealing the primordial impulse in the genesis of artistic practice, which is transversal to times and trends.



LER / READ

- Donald Judd, "Specific Objects", in *Arts Yearbook 8: Contemporary Sculpture*, 1965
- British Sculpture: 1960-1988*, cat. exp., Antuérpia: Museum of Contemporary Art, 1989
- 10 Contemporâneos*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 1992
- Novalis, *Fragmentos* (trad. Rui Chafes), Lisboa: Assírio e Alvim, 2000
- Porto 60/70: Os Artistas e a Cidade*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2001
- Pedro Costa, *Rui Chafes: Fora!*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2007
- Escultura abstracta nas décadas de 1960-1970: Coleção Fundação de Serralves*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2009
- Zulmiro de Carvalho: *Esculturas, 1967-2012*, cat. exp., Matosinhos: Câmara Municipal, 2014
- Rui Chafes: *O peso do paraíso*, cat. exp., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014
- Doris von Drathen, *Rui Chafes: Unborn*, Lisboa: Bial, 2017

VER / SEE

- Carl T. Dreyer, *La Passion de Jeanne d'Arc*, 1928
- Yasujiro Ozu, *Tokyo Story*, 1953
- Simone Forti, *Five Dance Constructions and Some Other Things*, 1961
- Robert Bresson, *Au hasard Balthazar*, 1966
- Yvonne Rainer, *Trio A*, 1966
- Trisha Brown, *Primary Accumulation*, 1972
- Pedro Costa, *O quarto de Vanda*, 2000
- João Trabuolo, *Durante o fim*, 2004

OUVIR / LISTEN

- Johann Sebastian Bach, *Variações Goldberg, BWV 988*, 1741
- Ludwig van Beethoven, *Sinfonia n.º 5 em dó menor, opus 67*, 1804-08
- Clara Schumann, *Trio para piano em sol menor, opus 17*, 1846
- Johanna Beyer, *Music of the Spheres*, 1938
- John Cage, *4'33"*, 1952
- La Monte Young, *The Well-Tuned Piano*, 1964
- Carlos Paredes, *Movimento perpétuo*, 1971
- Philip Glass, *Music in Twelve Parts*, 1976
- Laurie Anderson, *O Superman*, 1982

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida desde esse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível planetário. Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma aturada atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção de Serralves integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento contam-se a coleção da Secretaria de Estado da Cultura e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD). A presente mostra integra-se no programa de exposições e apresentação de obras da Coleção de Serralves, especificamente selecionadas para os locais de exposição com o objetivo de tornar o acervo acessível a públicos diversificados de todas as regiões do país.

The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection follows attentively the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between the visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present. The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Collection of the Secretary State for Culture and the Luso-American Development Foundation (FLAD) Collection. *Rui Chafes and Zulmiro de Carvalho* is part of a programme of exhibitions and presentation of artworks from the Serralves Collection that are specifically selected for each location with the purpose of making the Collection accessible to the public across all regions in the country.

SERRALVES

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

A presente exposição apresenta uma seleção de obras de dois artistas incontornáveis no panorama artístico nacional: Rui Chafes e Zulmiro de Carvalho. Enquanto o trabalho de Zulmiro, frequentemente materializado em projetos de arte pública, propõe um diálogo com a paisagem e com a morfologia geométrica e tectónica do Castelo de Santa Maria da Feira, a obra de Chafes, com alusões frequentes ao universo medieval e gótico, estabelece pontes entre a contemporaneidade e referências ancestrais, revelando o impulso primordial na génese da prática artística, transversal a tempos e tendências.

This exhibition presents a selection of works by two prominent Portuguese artists: Rui Chafes and Zulmiro de Carvalho. Often materialised as public art projects, Zulmiro's sculptures dialogue with the landscape and the geometric and tectonic morphology of Santa Maria da Feira Castle, while Rui Chafes' work, with its frequent allusion to the medieval and the gothic, bridges contemporary and ancestral references to reveal a primordial impulse, transversal to times and trends, within the genesis of artistic practice.

www.serralves.pt



santa maria da feira
câmara municipal



CASTELO DE SANTA MARIA DA FEIRA
COMISSÃO DE VIGILÂNCIA

CASTELO DE SANTA MARIA DA FEIRA

Alameda Roberto Vaz de Oliveira, 4520-201 Santa Maria da Feira
+351 256 372 248 / castelosantamariafeira@gmail.com

HORÁRIO/SCHEDULE

Verão (abril a setembro) Summer (April to September): 10h00 - 12h30; 13h30 - 18h30
Inverno (outubro a março) Winter (October to March): 09h00 - 12h30; 13h30 - 17h30
Fechado à segunda-feira Closed on Mondays

Apoio Institucional

Media Partner

